SOBRE AS CRÍTICAS AO CRISTIANISMO E À CRISTANDADE EM NIETZSCHE E EM KIERKEGAARD

Alvaro L. M. Valls*

Resumo: A onda de ateísmo atual acusa a religião de ódio à razão e valorização da cruz e do nada. O presente artigo mostra a crítica mais elaborada feita por Nietzsche, em especial ao cristianismo, e a contrasta em seguida com a polêmica satírica de Kierkegaard contra a cristandade de seu tempo, uma crítica que apela sempre ao Novo Testamento como critério da “cristicidade”. Busca assim, a partir da leitura dos dois pensadores, traçar um ideal de prática cristã, que terá de incluir sempre sofrimento e amor. **Palavras-chave:** Kierkegaard – Nietzsche – Crítica ao cristianismo e à cristandade – “Cristicidade”

Abstract: The present wave of atheism accuses religion of hating Reason and valorizing the Cross and nothingness. The present article presents Nietzsche’s most elaborated criticism, especially of Christianity, and contrasts it to Kierkegaard’s satirical polemic against the Christendom of his times, a criticism that appeals to the New Testament, as a criterion for “Being Christian”. The aim of this paper is, therefore, to outline an ideal Christian praxis based on a reading of these two philosophers, which will always include suffering and love.

Key-words: Kierkegaard – Nietzsche – Criticism of Christianity and Christendom – “Being Christian”.

* Departamento de Filosofia da UNISINOS/RS - Presidente da ANPOF. Artigo submetido a avaliação no dia 07/10/2007 e aprovado para publicação no dia 03/11/2007

Na sinopse do recente Tratado de Ateologia, de Michel Onfray, lemos:

Os três monoteísmos, animados por uma mesma pulsão de morte genealógica, partilham uma série de desprezos idênticos: ódio à razão e à inteligência, ódio à liberdade; ódio a todos os livros em nome de um único; ódio à vida; ódio à sexualidade, às mulheres e ao prazer; ódio ao feminino; ódio ao corpo, aos desejos, às pulsões. Em vez e no lugar de tudo isso, judaísmo, cristianismo e islã defendem: a fé e a crença, a obediência e a submissão, o gosto pela morte e a paixão pelo além, o anjo assexuado e a castidade, a virgindade e a fidelidade monogâmica, a esposa e a mãe, a alma e o espírito. Equivale a dizer a vida crucificada e o nada celebrado...

O livro de Onfray usa, se dermos fé a esta sinopse, um argumento pouco original, que já se lia em Nietzsche, só que O Anticristo atacava o Budismo, o Judaísmo e o Cristianismo, e aqui os alvos são Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, que seriam, na dicção de Nietzsche: difamadores da vida. Por outro lado, queremos mostrar que Kierkegaard concederia haver algo de verdade na visão da religião como “ódio” a algumas formas da vida, e que, portanto, não se deveria rejeitar, assim sem mais, tudo o que Onfray diz, sob pena de perdermos alguns aspectos essenciais à religião cristã.

Cristandade e cristicidade

Heidegger observa, nos *Holzwege*, que Kierkegaard era “um pensador religioso, o único à altura do destino de seu tempo”¹. Estaria então à altura de uma época que foi de crítica à religião cristã. Os anos 40 e 50 do século 19 sacudiram os pilares religiosos da sociedade, minando “altar e trono”. A crítica da religião, desenvolvida por Feuerbach (lido com simpatia crítica por Kierkegaard, tal como depois lerá Schopenhauer), culmina nos textos de Nietzsche, provocando no plano teórico a transformação da chamada cristandade em cristianismo de diáspora.² Esta crítica não teria sido respondida, quicá superada em radicalidade e verdade pelos escritos do pensador nórdico?

François Bousquet, teólogo francês, no livro *Le Christ de Kierkegaard*, escreve, ao comentar os Discursos cristãos de Kierkegaard, de 1848:

Não se deve abusar deste tipo de aproximações, mas em toda a obra de Kierkegaard, talvez seja aqui, mais até que no *Instante*, que se faz ouvir um

¹ “ein religiöser Schriftsteller und zwar nicht ein unter anderen, sondern der einzige dem Geschick seines Zeitalters gemäss”. Martin HEIDEGGER, *Holzwege* (Frankfurt am Main: Klostermann, 1950, 230.

² Ver LÖWITH, K. *Von Hegel zu Nietzsche. Der revolutionäre Bruch im 19. Jahrhundert*, Hamburg: F. Meiner.

tom nietzschiano, mesmo se o ataque contra a cristandade procede de um espírito completamente diferente, do próprio Evangelho. O vigor do discurso, a exuberância da linguagem, a força da apóstrofe, fazem sonhar com o que teria podido ser o encontro dos dois homens, se tivessem sido contemporâneos. Do mesmo modo que foi possível apresentar Kierkegaard como o mais hegeliano dos anti-hegelianos, não se poderia ver nele o antidoto mais nietzschiano a Nietzsche, precisamente no olhar voltado para o crucificado, e nas exigências que daí decorrem?³

Que tal mostrar Kierkegaard martelando que “a massa é a mentira”? E que tal ouvir den Antichrist afirmar que sempre haverá necessidade de um verdadeiro “ser cristão”? O Christ-sein de Nietzsche ecoa a idéia do det Christelige, tão cara ao nosso dinamarquês! No texto póstumo da Kierkegaardiana n. 19, Kierkegaard, filósofo da cristicidade, Henri-Bernard Vergote traz as perspectivas para a eterna possibilidade de ser cristão hoje, levando em conta a subversão dos conceitos que o evento crístico nos deixou, com sua mensagem. E lembra que a expressão do “crístico” reaparece em Nietzsche. Alemães como Adorno movem-se à vontade nessa expressão, enquanto ainda sentimos dificuldade de ver que além do Cristianismo e da cristandade convém pensar o que seria a “cristicidade”, termo filosófico que é contribuição do dinamarquês. Diz Vergote:

Interrogando-se em O que é a Metafísica? sobre a secular convivência da filosofia ocidental e do cristianismo, Heidegger não afasta a hipótese de que ela pudesse repousar tão-somente sobre um puro mal-entendido concernente à estrutura do próprio fato cristão. Ele sabe, de resto (...) que Nietzsche antes dele (notadamente em O Anticristo, § 39) havia tentado distinguir o cristianismo como “manifestação histórica, secular e política da Igreja e do seu apetite de poder no quadro da formação da humanidade ocidental e da sua civilização moderna” daquilo que ele nomeia a Christlichkeit – que alguns tradutores contemporâneos de Nietzsche e de Heidegger começam a traduzir por Cisticidade (Christianité) – como o conceito do que é especificamente cristão.⁴

Vergote lamenta, porém, porque:

Heidegger (...) cita apenas Nietzsche para apoiar sua afirmação. Não diz uma palavra sobre a distinção que percorre a obra inteira de Søren

³ “Il ne faut pas abuser de ce genre de rapprochement, mais dans toute l’oeuvre de Kierkegaard, c’est peut-être ici, plus encore que dans L’Instant, que se fait entendre un ton nietzschéen, même si l’attaque contre la chrétienté procède d’un tout autre esprit, de l’Evangile lui-même. La vigueur du discours, la flamboyance du langage, la force de l’apostrophe, laissent rêver de ce qu’aurait pu être la rencontre des deux hommes, s’ils eussent été contemporains. De la même manière que l’ont a pu présenter Kierkegaard comme le plus hégélien des anti-hégéliens, ne pourrait-on voir en lui l’antidote le plus nietzschéen à Nietzsche, précisément dans le regard porté sur le crucifié, et les exigences qui en découlent?” (François BOUSQUET, *Le Christ de Kierkegaard*. Devenir chrétien par passion d’ exister. Paris: Desclée, 1999, 224.)

⁴ VERGOTE, Henri-Bernard Kierkegaard — Philosophe de la Christianité, publicado por J. Message na Kierkegaardiana, número 19, 1998, 8.

Kierkegaard entre Christendom (Christianisme), Christenhed (Chrétienté) e det Christelige (le spécifiquement chrétien ou Christianité). Destarte, nada diz a respeito de um método que busca essencialmente, no fim da época dos sistemas, reclamando-se do cristianismo, distinguir “a filosofia pura” daquela que “se misturou fraudulentamente com o cristianismo”.⁵

Ora, nos Diários do dinamarquês encontramos uma anotação de 1850 que fala de seu contraparente que viveu 50 anos em Minas, na região de Lagoa Santa.

Wilhelm Lund – Ocorreu-me hoje a idéia de quanto sua vida assemelha-se à minha. Assim como ele vive no Brasil, perdido para o mundo, mergulhado nas escavações dos fósseis antediluvianos, assim vivo eu, como se estivesse fora do mundo, perdido a exumar os conceitos cristãos. Ai de mim! – e dizer que vivo na cristandade, onde o cristianismo está em plena floração, ergue-se em sua exuberância com seus mil pastores, e onde todos somos cristãos. X3 A 239.

A metáfora do “exumar” se aplica à tarefa da vida de Kierkegaard, mas: que quer dizer “exumar os conceitos do cristianismo”? Significa que sua missão não consistia em pregar o cristianismo nem em inventar nova doutrina, tampouco numa interpretação filosófica do cristianismo, mas só em desenterrar e reencontrar os conceitos em sua originalidade/primitividade e trazer à luz do dia aspectos essenciais dos conceitos fundamentais do cristianismo do Novo Testamento, o que implica numa crítica, em especial a formas que à época passavam por cristãs.

Deixemos o Dr. Lund no Brasil e comparemos Kierkegaard com Feuerbach; um ponto comum se evidencia: ambos se referem ao “Cristianismo do Novo Testamento”. Feuerbach interpreta-o diretamente: faz da teologia antropologia e da religião relações humanas. Já Kierkegaard respeita a religião com sua linguagem específica de representação, narrativa, testemunho, querigma.

Comparado com Nietzsche, talvez possamos descobrir semelhanças entre o autor d’O Anticristo e o crítico da cristandade. O paralelo ajuda a definir a tarefa do pensador dinamarquês. Kierkegaard critica a cristandade em nome do cristianismo, sem buscar defendê-lo; escreve em As obras do amor que seria mais urgente defender a humanidade das exigentes demandas do cristianismo. Talvez precisemos ser defendidos se não conseguirmos atender às suas elevadas exigências, e nos escandalizamos em vez de aceitar na fé o cristianismo.⁶

⁵ VERGOTE, Henri-Bernard Kierkegaard — Philosophe de la Christianité, publicado por J. Message na Kierkegaardiana, número 19, 1998, 8.

⁶ “Men Christendommen skal ikke forsvares; det er Menneskene, der skulle see til, om de kunne forsvare sig og forsvare for sig selv hvad de vælge, naar Christendommen forfærdeligt som engang byder dem Valget, og forfærdeligt nødsager dem til at vælge: enten at forarges eller at antage Christendommen.” (KW XVI 200-01, SV3, Bd.12, 194.)

Mas Nietzsche radicaliza, não convida como Feuerbach a retroceder do cristianismo histórico ao cristianismo primitivo. “A palavra ‘cristianismo’, já é um mal-entendido”, no fundo só houve um cristão, e “esse morreu na cruz”⁷. O que se revela na origem é um “ser diferente”, não uma crença; é uma prática, em vista da qual todo sistema de crenças é reputado como puro mal-entendido: “É falso até o absurdo ver em uma ‘fé’, por exemplo, a fé na salvação pelo Cristo, a marca distintiva do cristão: somente a prática cristã, uma vida como a viveu aquele que morreu na cruz, é cristã...”⁸. A marca distintiva do cristão: das *Christliche* ou, melhor, *die Christlichkeit*, o conjunto dos caracteres que permitiriam reconhecer que um ser é autenticamente cristão e não o conjunto dos seres (cristandade) ou das doutrinas (cristianismo) que se reclamam do Cristo: eis o que o adversário mais decidido do cristianismo, o profeta do declínio da cristandade, convidava a pensar; e a pensar como determinação de uma vida que “hoje ainda é possível”⁹.

Até recentemente, nem nossos melhores conhecedores de Nietzsche, como Giacóia Júnior, tinham clareza sobre o conceito da *Christlichkeit*, traduzindo-o sem mais como “cristandade”: “Reduzir o ser-cristão, a cristandade, a um ter-por-verdadeiro algo, (...) significa negar a cristandade.”¹⁰ Ora, a ambigüidade é fatal quando se usam como idênticas as duas significações do conceito do Aurélio:

“CRISTANDADE. [Do lat. tardio *christianitate*.] S. f. 1. O conjunto dos povos ou países cristãos. 2. Qualidade do que é cristão.”

Tais significados não são idênticos, se nem todos os (povos e países!) que se dizem cristãos o são “de verdade”. Então é necessário, num contexto crítico, diferenciar com cuidado os dois sentidos, o que Kierkegaard consegue ao utilizar expressões diferentes: *Christenhed* e *Christelighed*. À última corresponde também o adjetivo substantivado: *det Christelige*, que em alemão se traduz das *Christliche*, como se lê em Nietzsche. A presença ou a ausência de uma “qualidade essencial” (o autêntico “ser-cristão”) não

⁷ O original do texto aludido por Vergote é o seguinte: “Das Wort schon ‘Christentum’ ist ein Mißverständnis -, im Grunde gab es nur einen Christen, und der starb am Kreuz”. Nietzsche, Friedrich. Werke in drei bänden, München: Carl Hanser Verlag, 7. Auflage 1973. Zweiter Band, 1200.

⁸ NIETZSCHE diz, literalmente: “Es ist falsch bis zum Unsinn, wenn man in einem ‘Glauben’, etwa im Glauben an die Erlösung durch Christus das Abzeichen des Christen sieht; bloß die christliche Praktik, ein Leben so wie der, der am Kreuze starb, es lebte, ist christlich... Heute noch ist ein solches Leben möglich, für gewisse Menschen sogar notwendig: das echte, das ursprüngliche Christentum wird zu allen Zeiten möglich sein...” op. cit., idem.

⁹ Vergote, H.-B. Kierkegaard — Philosophe de la Christianité, KIERKEGAARDIANA, n. 19, de 2000, 8.

¹⁰ (Grifos nossos.) O original nietzscheino soa assim: “Das Christ-sein, die Christlichkeit auf ein Für-wahr-halten, auf eine bloße Bewußtseins-Phänomenalität reduzieren, heißt die Christlichkeit negieren.” Op. cit., idem.

é irrelevante, quando é isso o que está em questão! Se o levarmos a sério, que sentido terá a definição número 1 do Aurélio? — O ter-por-verdadeiro não substitui um fazer, a Prática do Cristianismo¹¹. Dever-se-ia, então, em nosso idioma, questionar a cristicidade (qualidade do ser-cristão) da cristandade (conjunto de povos ou países assim chamados “cristãos”).

Nos arraiais nietzschianos, a tradução de Artur Morão nas Edições 70 converge com os que querem um neologismo para traduzir *Christlichkeit*. Localizamos ali, não sem surpresa, a expressão, inusual, “cristianidade”:

Reduzir o ser-cristão, a cristianidade a um ter por verdadeiro, a uma simples fenomenalidade de consciência significa negar a cristianidade.¹²

Tendo introduzido um conceito crítico para distinguir cristandade e cristicidade, Kierkegaard muito se alegraria de ver que Nietzsche também usa este segundo conceito (agora em alemão) para enfatizar a prática da vida cristã. O “ser-cristão” não consiste num Cristianismo de dogmas aceitos de modo passivo, e sim numa certa vivência, vivida de maneira prática. Ora, a produção kierkegaardiana insiste no “tornar-se cristão”. No contexto da Dinamarca isso equivalia à questão: como anunciar o Cristianismo aos que se dizem cristãos?

Se há nietzschianos que se contentam com uma posição do tipo “Dionísio contra o Crucificado”, e tratam o último como grandeza desprezível, um “cachorro morto”, os leitores de Kierkegaard não podem apenas inverter os termos (“o Crucificado, glorioso, arrasa com Dionísio”). Se em Kierkegaard, a partir do Post-scriptum de 1846, a problemática cristã se acentua polemicamente contra a cristandade, é porque esta considera o Cristianismo como doutrina objetiva, tradicional e vitoriosa, como igreja triunfante.¹³ Nos Discursos e na Prática do Cristianismo, de 1850, o Cristo que nos convida a segui-lo não é o majestático e glorioso, mas uma personagem incógnita e paradoxal, um sinal: de contradição, que se mostra sob a forma do Servo humilhado, a ser “elevado na Cruz”.

¹¹ Para citarmos o próprio título do livro kierkegaardiano de 1850.

¹² NIETZSCHE, F. O anticristo. Tradução Artur Morão, Lisboa: Edições 70, 1997, 59.

¹³ Segundo Bruce Kirmmse, Kierkegaard aplica de modo polêmico os termos medievais *ecclesia militans* e *ecclesia triumphans*: “Originalmente, estes termos eram para os cristãos ainda na terra e os no céu, respectivamente, mas são aqui utilizados para fazer uma comparação implicitamente hostil entre o cristianismo dos Apóstolos e o dos tempos modernos”. “Originally these were terms for the Christians still on earth and those in heaven, respectively, but they are used here to make an implicitly invidious comparison between the Christianity of the Apostles and that of modern times.” Kierkegaard in *golden age Denmark*, Bloomington & Indianapolis: Indiana U. O., 1990, 302.

Cristianismo e cristandade

Nietzsche ataca o Cristianismo de todos os modos possíveis, mesmo que, surpreendentemente, afirme que sempre haverá lugar para uma espécie de vida que ele supõe ser a vida do crucificado. Kierkegaard concordaria com Nietzsche em vários pontos, como na rejeição da interpretação de Renan, o qual via Jesus como herói ou gênio. O gênio não se confunde tampouco com o apóstolo... E se Kierkegaard (1813-1855) tivesse podido ler Dostoiévski, decerto aceitaria a aproximação com a figura do Príncipe Míschkin em O Idiota.

E que mal-entendido é sobretudo a palavra ‘gênio’! ... Falando com o rigor do fisiólogo, caberia uma outra palavra aqui — a palavra ‘idiota’!¹⁴

É claro que não veria Jesus como um adolescente retardado, mas iria aplaudir o polemista alemão quando este enfatiza que Cristianismo é uma prática, um modo de ser, de agir, ou até de não agir desta ou daquela maneira:

... numa nova prática, aquela propriamente evangélica. Não é uma “fé” que distingue o cristão: o cristão age, ele diferencia-se por agir diferentemente, por não oferecer resistência, em palavras ou no coração, àquele que é mau para com ele. ... Uma nova conduta, não uma nova fé...¹⁵

E sem jamais negar que o Mestre também foi um Salvador, o autor das Migalhas Filosóficas iria compreender também mais essa passagem do Anticristo:

Este ‘portador da boa nova’ morreu como viveu, como ensinou – não para ‘redimir os homens’, mas para mostrar como se deve viver. A prática foi o que ele deixou para a humanidade (...) seu comportamento na cruz.¹⁶

Se Nietzsche escreve “ensinou” em itálico, quer decerto enfatizar que não se trata de um ensinamento escolar, acadêmico, teórico, e sim de um ensinar na prática, um “demonstrar”, como o sugere a versão em língua inglesa.

Já a palavra ‘cristianismo’ é um mal-entendido – no fundo, houve apenas um cristão, e ele morreu na cruz. O ‘evangelho’ morreu na cruz. O que

¹⁴ AC, 2007, 36. – No original: “Und was für ein Mißverständnis ist gar das Wort Genie! (...) Mit der Strenge des Physiologen gesprochen, wäre hier ein ganz andres Wort eher noch am Platz: das Wort Idiot.” (AC. § 29, KSA 6, S. 200.)

¹⁵ AC, 2007, 40s. – No original: “(...) eine neue Praktik, die eigentlich evangelische Praktik. Nicht ein ‘Glaube’ unterscheidet den Christen: der Christ handelt, er unterscheidet sich durch ein andres Handeln. Daß er dem, der böse gegen ihn ist, weder durch Wort, noch im Herzen Widerstand leistet. (...) Ein neuer Wandel, nicht ein neuer Glaube...” (AC. § 33, KSA 6, S. 205f.)

¹⁶ AC, 2007, 42. – No original: “Dieser ‘frohe Botschafter’ starb wie er lebte, wie er lehrte – nicht um ‘die Menschen zu erlösen’, sondern um zu zeigen, wie man zu leben hat. Die Praktik ist es, welche er der Menschheit hinterließ (...) sein Verhalten am Kreuz.” (AC. § 35, KSA 6, S. 207.)

desde então se chamou 'evangelho' já era o oposto daquilo que ele viveu: uma 'má nova' um 'disangelho'.¹⁷

Nietzsche acusa forte e acidamente o apóstolo Paulo por esta desfiguração, aponta para o sentimento de vingança que se teria desenvolvido na cristandade primitiva contra os judeus e incrimina o clero por usurpar o poder.

Os evangelhos são inestimáveis como testemunho da irresistível corrupção no interior da comunidade inicial. O que Paulo depois conduziu ao fim, com o cinismo lógico de um rabino, foi, apesar de tudo, apenas o processo de declínio que teve início com a morte do Redentor.¹⁸

Quando a figura de Paulo chega ao centro do debate, nossos autores discordam. Para Kierkegaard, Paulo é grande autoridade, um exemplo pessoal de valores, exemplo introduzido irônica e polemicamente na discussão com a cristandade da *bürgerlichen Gesellschaft* dinamarquesa.

Paulo era funcionário? Não. Tinha algum meio de vida? Não. Ganhava muito dinheiro? Não. Era casado e com filhos? Não. Mas então Paulo não era um homem sério! VIII A 206. (n.d., 1847)

No tocante ao clero, Kierkegaard concordaria com Nietzsche ao menos num ponto: que o bispo de Copenhague, Mynster, havia desfibrado o cristianismo, suavizando-o; traíra suas exigências, escondera seu rigor, levando-o a sério só até certo ponto¹⁹; mudara-o em cultura e entretenimento dominical, conforto espiritual; falseara o cristianismo ao reduzi-lo ao gosto popular.

A Idade Média pensava que o cristianismo significava renúncia, morte para o mundo, ascetismo. Mynster pensa que o cristianismo é quase o mesmo que cultura e educação. Tomado sem maiores determinações, este conceito de 'cultura' é altamente duvidoso e, se ele significa prazer, refinamento, cultura meramente humana, é talvez diretamente contra o cristianismo. (...) Pap. X3 A 588, n. d., 1850.

Anota nos diários que nada tem contra o fato de os pastores ganharem dinheiro por seu trabalho de anunciar o Evangelho, só não pode aceitar

¹⁷ AC, 2007, 45. – No original: "Das Wort schon 'Christentum' ist ein Mißverständnis, im Grunde gab es nur einen Christen, und der starb am Kreuz. Das Evangelium starb am Kreuz. Was von diesem Augenblick an 'Evangelium' heißt, war bereits der Gegensatz dessen, was er gelebt: eine 'schlimme Botschaft', ein Dysangelium." (AC. § 39, KSA 6, S. 211.)

¹⁸ AC, 2007, 51. – No original: "Die Evangelien sind unschätzbar als Zeugnis für die bereits unaufhaltsame Korruption innerhalb der ersten Gemeinde. Was Paulus später mit dem Logiker-Zynismus eines Rabbiners zu Ende führte, war trotzdem bloß der Verfalls-Prozeß, der mit dem Tode des Erlösers begann". (AC. § 44, KSA 6, S. 218.)

¹⁹ Purity of Heart in Upbuilding Discourses in Various Spirits, KW 15, Princeton, New Jersey, Princeton Univ. Press.

que falsifiquem a mensagem para vendê-la melhor. Os Diários registram a polêmica contra o cristianismo do falecido bispo. Esperou até a morte de Mynster, disposto a tolerar seu cristianismo, sob uma condição: que este reconhecesse de público que sua compreensão da vida cristã era versão suavizada ou debilitada, talvez até a única possível na época para a maioria, mas diferente de uma visão essencial, e do cristianismo dos tempos dourados das comunidades de que falava Feuerbach.

Agora, ele está morto. Se a gente tivesse podido levá-lo a acabar sua vida fazendo ao cristianismo a confissão de que aquilo que ele representou, na verdade não era cristianismo, mas uma atenuação, eis o que teria sido extremamente desejável, pois ele foi o suporte de uma época inteira. Era preciso, também, até o fim, manter aberto o caminho para uma tal confissão – sim, até o último instante. Quem sabe se no momento de morrer, ele não quis fazê-la? Assim não seria necessário atacá-lo jamais. (...) Mas, morto sem tê-la feito, tudo se modificou. Resta, agora, somente o fato de que sua pregação levou o cristianismo a uma ilusão. XI A 1, março de 1854.

Kierkegaard estaria de acordo com Nietzsche em que o cristianismo jamais se resume a um tomar-algo-por-verdadeiro (*etwas für wahr halten*), pois:

Em geral, dois são os desvios fundamentais com respeito ao cristianismo: 1) o cristianismo não é uma doutrina, mas uma mensagem existencial. (...) Por isso, cada geração deve começar pelo princípio: essa erudição sobre as gerações passadas é essencialmente supérflua (...). 2) Em consequência (posto que o cristianismo não é uma doutrina), no tocante ao cristianismo não é indiferente a pessoa que o expõe, como seria no caso de uma doutrina, contanto que esta exponha (objetivamente) o verdadeiro. Não, Cristo não instituiu docentes – mas seguidores. Se o cristianismo (precisamente porque não é uma doutrina) não se reduplica em quem o expõe, este não expõe o cristianismo, pois o cristianismo é uma mensagem existencial e só pode ser exposto com a existência. Em suma, existir nele é expressá-lo existindo, isto é, reduplicando-o. IX A 207.

Introduz-se aqui uma nota negligenciada por Nietzsche: a importância do testemunho da vida daquele que pretende apresentar o cristianismo. E ainda se acrescenta outro dado, contra o qual Nietzsche protestaria: a noção de que o homem peca. Compara-se o seguinte com o § 49 do Anticristo:

Sim, é verdade, existe humanamente falando uma certa crueldade no cristianismo. Isso não depende dele, mas do fato de que deve existir, manifestar-se e desenvolver-se num mundo de pecado. A crueldade não reside no cristianismo, mas no que lhe sucede. Em si, o cristianismo é toda suavidade e amor, nada senão amor ou amor personificado. É verdade, humanamente falando, que há certa crueldade no que se exige de um cristão – não precisamente no que se exige dele, mas no que lhe sucede. Pois isso não depende do cristianismo, mas, de uma parte, do fato de que o homem é um pecador e, de outra, porque o mundo no qual deve existir é pecador. (...) IX A 329.

Quando define como essencial ao cristianismo autêntico o conflito com o mundo e a importância de um ascetismo, a oposição com Nietzsche é frontal.

Li no Novo Testamento que anunciar o cristianismo é o caminho que leva à zombaria, à perseguição e à morte. Minha vida exprime pelo menos que anunciar o cristianismo é o caminho que leva a não ser nada. Mynster exprime que é o caminho para fazer a mais brilhante das carreiras, o caminho que leva à vida mais rica em prazer. X3 A 215.

Se Mynster representava o compromisso entre o cristianismo e o mundo, a obra de Kierkegaard vai afastando-o do bispo que ele admirara em sua juventude.

“As Obras do Amor” o feriram. “Os Discursos Cristãos” ainda mais. E assim num crescendo contínuo. O livro “A Escola do Cristianismo” tocou-o numa medida estranhamente dolorosa. (...) X4 A 511.

Esperamos ter esclarecido duas teses sobre a obra de Kierkegaard: a) que ela critica a cristandade em nome do cristianismo; b) que o cristianismo manterá sempre pontos de incompatibilidade com o mundo. A esta segunda tese ainda voltaremos, depois de visualizar o conjunto da crítica nietzschiana. Mas antes de prosseguir, reconheçamos que a problemática, em Nietzsche, é muito vasta, e há que buscar um atalho, talvez um apoio em alguma exposição feliz, que teríamos que resumir violentamente, para caber em nossos quadros.

Ora, uma exposição bastante completa dos motivos da crítica nietzschiana ao cristianismo²⁰ se encontra num artigo de sessenta páginas de Emílio Brito, de 2004, na revista de teologia de Lovaina, que mostra que Nietzsche tem motivos para ser hostil ao cristianismo e não só por mera consequência do ateísmo. Não há como descartá-lo sob o pretexto de que O Anticristo foi escrito pouco antes da loucura. Quais os motivos profundos da “maldição” contra o cristianismo?

1. O cristianismo eleva o que é baixo, mas a compaixão ativa é pior do que um vício, é antinatural. Protege o que está maduro para cair. É necessário às espécies que os mais fracos pereçam. Lutando pela “igualdade dos direitos”, o cristianismo se rebela contra os privilégios. A superstição da “alma imortal” valoriza cada indivíduo: todos iguais para Deus. Cristianismo e o socialismo negam a distância, o respeito, impedem a cultura. As classes baixas buscam a salvação no cristianismo, que perverteu até naturezas nobres, como Pascal. É perversão da razão, reação contra a moral de elevação, da raça, do privilégio. Ele nega o que se eleva: sucesso físico,

²⁰ Emílio BRITO: Les motifs de la critique nietzschéenne du christianisme. In: Ephemerides Theologicae Lovaniensis 80/4 (2004) 275-338.

poder, beleza. Por rancor, ressentimento, o cristianismo tinha de inventar um outro mundo. Contra ele vale um “sim” sem reservas à vida, mesmo à dor e à falta. A santidade é hostil à realidade, hostil à ciência, à probidade intelectual, à frieza aristocrática, à liberdade de espírito. O cristianismo é mentiroso, seus fins são maus: denegrir a vida, menosprezar o corpo, fazer do homem um ser vil, pela idéia do “pecado”. Seus meios são mentirosos. Paulo (1Cor 1,27s.): “O que é estulto no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes, e o que é vil e desprezível no mundo, Deus o escolheu, como também aquelas coisas que nada são, para destruir as que são”. Eis a fórmula chave! O Deus crucificado é um símbolo: só quem sofre é divino.

2. O Cristianismo é religião niilista, diviniza o nada. Remédio ou doença? É nocivo, e se ainda é necessário, é porque o homem é inculto e grosseiro. Faz do homem grosseiro um doente, para curá-lo, e agrava a decadência. O ambiente dos evangelhos parece provir de um romance russo... ali estão todas as neuroses. Perturbação mental, tendência anti-social e pessimismo: formas típicas de decadência.

3. A invenção do cristianismo deve muito ao gênio de Paulo, que sonha com o “incêndio universal”, no ódio típico dos “chandala”. Põe em primeiro plano o conceito da culpabilidade e de pecado, não quer uma nova prática, mas um novo culto, uma nova fé, a fé numa metamorfose milagrosa. A imortalidade seria uma doutrina tão antijudaica quanto anticristã, mas Paulo fez escolhas arbitrárias entre os fatos da vida e da morte de Jesus, e adaptou o cristianismo às religiões das massas inferiores. O que na origem era pacifismo transforma-se numa religião de mistérios pagãos e penetra no aparelho do Estado. Paulo faz da história de Israel uma pré-história de seus atos. Estoicismo e platonismo prepararam o terreno, mas o cristianismo só poderia nascer do solo do judaísmo, parasita dos romanos. É auto-negação do judaísmo. No sacerdote judeu ainda aparecia a casta, o privilégio, o aristocrata. Os cristãos negam o clero como uma classe. Na origem, o cristianismo era algo abstrato, não queria ser igreja, e a negava. A igreja é a caricatura daquele cristianismo, o oposto exato do original. O tipo cristão, ao longo da história, assimila o que antes negava: o cristão se torna soldado, magistrado, sábio, teólogo, sacerdote, filósofo, artista, político, príncipe. Termos abusivos: “igreja”, “fé”, “vida” cristãs. Na origem, o cristão representa a indiferença frente aos dogmas, ao culto, aos padres, à Igreja, à teologia. Já o cristianismo eclesiástico é diferente do que Jesus queria/fazia, explora vida e doutrina do “fundador”, numa interpretação arbitrária, introduzindo as religiões subterrâneas. É a ascensão do pessimismo, quando Jesus só queria paz e felicidade para o povo. Fabricou-se uma história do pecado e da salvação, da morte expiadora, um Deus pessoal, um Salvador pessoal, uma imortalidade pessoal. O único cristão morreu na cruz. Jesus não recomendava uma crença, mas um agir.

A Igreja não teve a vontade nem a coragem das obras que Jesus exigia. Assume o Estado e começa a usar os conceitos de “pecado”, “perdão”, “castigo” e “recompensa”, quase ignorados no cristianismo primitivo. A vida que Jesus buscava, o cristianismo autêntico, original, ainda é possível e até talvez necessário para algumas pessoas. Para expandir o cristianismo na Europa, surgiram o supranaturalismo, o sangue na Ceia, o menosprezo da cultura, a tortura e a pompa grandiosa do culto.

4. Nietzsche em relação ao cristianismo permanece ambíguo. Combate a tentativa de Hegel de compatibilizar a fé cristã e o mundo profano. A filosofia alemã é uma teologia pela metade: são teólogos, “padres da Igreja”. Mas percebe um ateísmo subterrâneo na teologia protestante com seu espiritualismo, seu cristianismo “homeopático” conservado no Norte. Nietzsche sabe que sua própria orientação pertence a esta tradição: quem derrotou o Deus cristão foi a moralidade cristã, com sua “vontade de verdade”. Desenvolver as últimas conseqüências desta moral parece ser o projeto de Nietzsche, descendente de pastores. Mas ele também tem ódio mortal contra o cristianismo. Poder-se-ia aplicar ao próprio Nietzsche o seu método genealógico? Há que perguntar se é justo ao apresentar o ressentimento cristão. Max Scheler tem boas réplicas, no seu “O homem do ressentimento”. Para ele, o amor cristão é diferente. Para o grego, amor é Eros, atração do inferior pelo superior. O cristianismo inverte a perspectiva: Ágape é amor de doação, é oblato, o nobre e rico volta-se para o pobre e necessitado, o são ajuda o doente, o belo se volta para o feio, o santo para o pecador. Em Jesus, Deus vem aos homens, à procura dos pecadores. O dom de si e o sacrifício cristão não têm de ser ressentimento. O ressentido não ajuda de verdade o necessitado, enquanto o amor cristão é transbordamento de força, plenitude, superabundância de vida que se dá, se difunde, acompanhada de paz e alegria. Para amar, há que possuir um coração capaz de dar. A preferência pelos pobres não é ressentimento. O Reino de Deus, boa nova, representa um grau de valores da vida, onde o homem encontra seu valor, mas vida biológica não é tudo, e pode ser sacrificada por valores mais altos.

Satirizando a cristandade

A crítica de Nietzsche é muito conhecida. A polêmica kierkegaardiana, só de ouvir dizer. Vale a pena, então, reproduzir uns trechos dos artigos que ele publicou no panfleto *O instante*, nos últimos meses de sua existência. Pertencem a um gênero literário específico, e serão mal entendidos se ignorarmos três pressupostos: 1) Kierkegaard ironiza, exerce sempre sua maiêutica. 2) Ele, que sabe grego, anota nos Diários que iria mostrar como se prepara uma “catástrofe”. 3) E atua “a caráter”, como se estivesse no

teatro. Como os sofistas da época não tiram conclusões das premissas, ele traz só conclusões sem provar as premissas.

1) “A cristandade” parece ter tido consciência (...) de que a situação era verdadeiramente muito absurda e que não se podia admitir esta estupidéz, segundo a qual a gente se torna cristão recebendo sobre a fronte algumas gotas de água derramadas por um funcionário do rei e, quando, nessa ocasião, a família recebe e faz uma festa para a solenidade. É inadmissível, pensou a “cristandade”. Esta prática deve também encontrar sua razão de ser no fato de que a criança batizada encarrega-se pessoalmente da promessa feita em seu batismo. Imaginou-se, pois, a confirmação, magnífica invenção desde que se admitam duas coisas: que o culto zomba de Deus e que tem por fim essencial fornecer um pretexto às festas de família, às reuniões, a uma boa noitada, a um festim diferente dos outros – que refinamento! – por sua significação simultaneamente religiosa. “O recém-nascido”, diz a cristandade, “não pode, evidentemente assumir pessoalmente a promessa do batismo. Para isso, é preciso ser uma verdadeira pessoa”. Também escolheu-se – gênio ou espirotuosidade? – a idade de 14 ou 15 anos: a pessoa está formada e nada a impede. O adolescente pode tomar a seu cuidado a promessa feita em nome do recém-nascido em seu batismo. Um rapaz de quinze anos! Se se tratasse de dez coroas, o pai diria: “Não, meu rapaz, ainda não, és muito pequeno, meu amigo”. Mas para a salvação eterna e quando se trata de trazer como pessoa real uma seriedade pessoal, um ato que não se poderia qualificar de sério, no sentido profundo da palavra, em que se obriga pela promessa um recém-nascido: a idade de quinze anos é a mais conveniente (...) se o culto prestado a Deus visa a zombar – como dizer? – elegantemente dele, e, de outra parte, a dar lugar a delicados regozijos familiares. (...) A confirmação, pode-se ver assim, é um absurdo que ultrapassa de muito o batismo. Ela exige, com efeito, que se supra a insuficiência desse último ato pelo engajamento da pessoa capaz em plena consciência de sua conduta, de tomar a seu encargo a promessa no tocante à decisão da felicidade eterna. Em compensação, este absurdo é, por outra parte, bastante esperto (...) o “pastor” procura apoderar-se dos homens em sua tenra juventude para os colocar na idade madura no embaraço de ter de romper com uma obrigação “sagrada”, tomada, é verdade, na adolescência, mas pela qual muitos alimentam uma espécie de superstição. (...) É uma comédia tudo isso. E talvez, sob este ponto de vista, poder-se-ia reforçar a ilusão dramática da solenidade. Um regulamento poderia proibir a confirmação com trajés do dia-a-dia que não convêm a uma verdadeira pessoa. Assim, um edital poderia obrigar os crismandos masculinos a usar uma barba comprida no recinto da igreja, barba que naturalmente poderiam retirar na noite de festa em família, a menos que quisessem guardá-la para divertir-se e por farra.

2) A bênção nupcial. O verdadeiro culto prestado a Deus consiste simplesmente em fazer sua vontade. Mas este culto jamais nos agradou. (...) a substância da história da cristandade (...) é a organização de outra espécie do culto divino: fazer sua própria vontade, tendo o cuidado, no entanto, de unir a ela o nome e a invocação de Deus e cobrindo-se, assim, contra a acusação de impiedade – mas, ai! – esta espécie de culto constitui a impiedade a mais qualificada. Exemplo: um homem projeta viver matando as pessoas. Bem observa que as Escrituras não o permitem, que a vontade de Deus é: não matarás. Muito bem, pensa ele, mas não encontro vantagem em render a Deus um semelhante culto – e também não quero ser um ímpio. Que faz? Consegue um pastor que, em nome de Deus, abençoa o punhal. Ja, das ist was anders! As Escrituras preconizam o celibato. “Mas”, diz o homem, “não acho de fato nenhuma vantagem em render a Deus um tal culto – e também não sou decerto um ímpio. Um passo tão importante como o casamento (...), devo fazê-lo sem me certificar da bênção de Deus?” Bravo! O homem de Deus, o pastor, também está aí para isto. Ele abençoa este passo importante (o importante seria excluí-lo) “que é assim agradável a Deus” – “e cumpro minha vontade que se torna um culto prestado a Deus”. E o pastor faz sua vontade, recebe dez coroas ganhas não simplesmente, por exemplo, escovando as roupas das pessoas ou servindo cerveja ou aguardente, não, trabalhando para Deus; e ganhar dez coroas assim é render um culto a Deus. Bravíssimo! Que abismo de absurdo e de perversidade! Uma coisa que não é agradável a Deus, torna-se-lhe agradável pela intervenção – para piorar o mal – de um pastor que – para piorar o mal – recebe dez coroas a fim de o declarar como agradável a Deus.

3) Tornar-se cristão, como o entende o N.T., é sofrer uma transformação tão radical que, no simples ponto de vista humano, o sofrimento mais acabrunhador para uma família seria ver um dos seus tornar-se cristão. Semelhante cristão, com efeito, vê sua relação com Deus tomar uma tal supremacia que não está “como que” perdido, mas o está a tudo o que se chama família, de maneira muito mais decisiva que pela morte. É a esta dilaceração que Cristo incessantemente faz alusão quando diz que ser seu discípulo é ser sua mãe, seu irmão, sua irmã, e que não tem nem mãe, nem irmãos, nem irmãs, num outro sentido, e igualmente quando fala do conflito, no qual se odeia seu pai, sua mãe, seu próprio filho etc. O tornar-se cristão está destinado, como faz o dentista pondo a nu a gengiva, a arrancar o indivíduo ao complexo onde o liga a paixão imediata e quem lhe está ligado nesta paixão. (...) Hoje não mais do que no ano trinta, este cristianismo não agrada ao homem. Sempre foi para ele, no fundo do seu coração, um inimigo mortal. Também a história testemunha que, de geração em geração, vive uma classe social altamente respeitada, cujo trabalho consiste em fazer do cristianismo exa-

tamente o contrário do que ele é. O cristianismo dos “pastores” visa, graças à religião (...) a ligar cada vez mais egoisticamente as famílias, a organizar festas de família, belas, magníficas festas, como aquelas do batismo e da confirmação e suas solenidades que, (...) “ao mesmo tempo” são religiosas. “Ai de vós”, diz Cristo aos doutores da lei, “porque tendo tomado a chave da ciência, vós não entrais (no reino dos céus, cf. Mt 23,13) e aqueles que queriam entrar, vós os impedistes” (Lc 11,52).

4) Quando um Estado se reduz, o número pode diminuir tanto que o Estado desaparece. Seu conceito se esvazia. (...) O cristianismo está em razão inversa ao número: quando todos se tornarem “cristãos” ter-se-á evaporado o conceito de “cristão”. É, com efeito, um conceito polêmico. Não se pode ser cristão senão estando em oposição ou se tomando uma atitude de oposição. Vê-se também no N.T. quando Deus exige ser amado, e tomando assim uma atitude de oposição para intensificar o amor, de sorte que o cristão, amando a Deus, opõe-se aos outros, dos quais sofre finalmente o ódio e a perseguição. Suprimida a oposição, é uma bobagem ser cristão, como ocorre na “cristandade” que suprimiu astuciosamente o cristianismo: somos todos cristãos.

5) Olhemos o cristianismo. Este é o divino que, sendo-o de verdade, não pretende por nenhum preço ser um reino deste mundo, mas quer, ao contrário, que o cristão arrisque seu sangue e sua vida para impedi-lo de tornar-se. E, entretanto, o Estado encarrega-se de colocar mil funcionários reais sob o nome de mestres do cristianismo! (...) O povo (...) tem mais respeito por um mestre do cristianismo autorizado pelo rei que por aquele que não o é. (...) Não, como o cristianismo é exatamente o contrário dos reinos deste mundo, a falta da autorização real é um sinal de maior verdade. A autorização real pode ser uma facilidade, uma comodidade para o pastor, é uma outra questão.

6) Eis a fórmula: quando o indivíduo chega à idade em que poderia tratar de tornar-se cristão segundo o N.T., acha que não pode absolutamente resolver-se a isto. Ao contrário, o que verdadeiramente deseja é casar-se. Diz para si mesmo: “Estou muito velho já para tornar-me cristão” (...). “Vou, pois, casar-me, procriar crianças e essas se tornarão cristãs.” Magnífico! E quando estas crianças tiverem cada uma chegado à idade em que, segundo o N.T., poderia tratar-se de tornar-se cristão, raciocina cada uma como o senhor seu pai e a senhora sua mãe antes delas: “Já sou muito velho para tornar-me cristão. Agora preciso (...) pensar no leito nupcial por conta do cristianismo – e minhas crianças, elas sim, tornar-se-ão cristãs.” Abracadabra. Amém, amém, amém, para a eternidade e glória aos pastores! Tal é o segredo da “cristandade”. É uma insolência sem igual em que se quer pregar uma boa peça a Deus, uma sem-vergonhice que, fazendo-se passar pelo verdadeiro cristianismo, recebe a benção dos pastores, esses mestres ligados por juramento

(...) Há uma aliança secreta entre qualquer pastor e as parteiras. (...) Compreendem entre si que têm essencialmente o mesmo ganha-pão – e o pastor está ligado por juramento ao N.T., que preconiza o celibato. (...) Tornar-se cristão supõe (segundo o N.T.) um crescimento humano acabado, a maturidade no sentido natural, para tornar-se cristão rompendo com todas as coisas às quais se está ligado imediatamente. Tornar-se cristão supõe (segundo o N.T.) a consciência pessoal do pecado e a consciência de ser um pecador. Vê-se desde logo que toda esta história da criança tornando-se cristã e devendo tornar-se nesta idade não é nem mais nem menos do que uma ninharia que os pastores, que falam bonito de ninharias, sem dúvida em virtude de seu juramento ao N.T., inculcam nas pessoas para justificar seu ganha-pão e sua carreira.

7) Mesmo se o cristianismo não preconizasse o celibato, como mostra o exemplo do Modelo (...) Sinceramente, não concebo como se pode imaginar unir cristianismo e casamento, no que, observai bem, não viso àquele que, já esposo e pai, não se torna cristão senão nesse momento. Não, quero dizer que não concebo como um celibatário, que pretende tornar-se cristão, possa pensar em se casar. Um Salvador vem ao mundo para salvar a quem? Os perdidos. Seu número é grande, certamente, já que todos os homens o são e todo homem que vem ao mundo é, pelo fato do seu nascimento, um perdido. A cada um, pois, o salvador diz: queres ser salvo? Mesmo que não dissesse nada do celibato, parece-me óbvio que não se tem necessidade de dizer que um cristão não se casa, pois o mínimo que se pode exigir de um homem salvo e tão custosamente, ao preço da vida e da morte de um outro, é que não se meta a engendrar crianças e a aumentar o número de perdidos, pois este número é suficiente. (...) No cristianismo da “cristandade”, passe-se de maneira diferente. Batalhões de peões de cabanha e moçoilas unem-se e assim procriam milhões de crianças. E isto é o cristianismo, pretendem os pastores que devem saber, pois que prestaram juramento ao N.T.

8) A mistificação consiste sempre em afastar o sério (tornar-se a si mesmo cristão) para substituí-lo pelo sério profundo (!), pelo qual se quer tornar cristãos – os outros. Assim, educam-se estas crianças para serem cristãos, como se diz. (...) a gente as enche de guloseimas supostamente cristãs, que não têm absolutamente nada em comum com o cristianismo no N.T., e estas guloseimas não se assemelham mais à doutrina da cruz e do sofrimento, da morte de si mesmo, do ódio de si mesmo, que o doce ao cremor de tártaro, e os pais dão umas lambidelas nessas guloseimas. Tomam um ar todo sentimental pensando que, infelizmente, não são mais os cristãos de sua infância, pois não se pode ser um verdadeiro cristão senão enquanto criança. E, naturalmente, o “pastor” sanciona todo este galimatias. Sim, naturalmente! Para ele, uma só coisa importa, é a de fazer por todos os meios (em virtude de seu juramento

ao N.T.) exatamente o contrário do N.T. É de conservar nos homens, de preservar, de cultivar neles por todos os meios o gosto da reprodução, para produzirem continuamente batalhões de cristãos, necessidade absolutamente vital para que milhares de pastores, sólidos reprodutores, possam viver com suas famílias.

9) “Eu não me denomino um cristão e não digo de mim mesmo que sou cristão.” (...) Neste mundo cristão (...) é uma espécie de loucura que um homem diga de si mesmo: não me denomino um cristão, e sobretudo quando se trata de um homem que se envolve com o cristianismo ao ponto em que me envolvo. Mas não pode ser de outra maneira. (...) Minha tarefa é socrática. Ela consiste em revisar a noção do ser-cristão: não digo que sou um cristão (...), mas posso mostrar que os outros o são menos do que eu. Nobre e simples espírito da Antigüidade, tu, o único que com admiração reconheço como pensador (...) A “cristandade” está mergulhada num abismo de sofística bem pior que o que florescia na Grécia no tempo dos sofistas. Estas legiões de pastores e docentes cristãos: tão sofistas que, seguindo o que é próprio do antigo sofista, ganham o pão fazendo as pessoas, que não compreendem nada, presumir que sabem algo, fazendo desta massa o tribunal que decide o que é a verdade e o que é cristianismo. (...) Ó Sócrates! (...) Obrigaram-te a ser aquilo que mostravas que os outros não eram; a mesma coisa me sucedeu. (...) É perfeitamente verdadeiro que não sou cristão. E concluem muito depressa dizendo que, já que sou capaz de mostrar que os outros não são cristãos, então tenho de sê-lo.

10) O cristianismo do N.T. é de uma sublimidade infinita mas, observa bem, não é uma sublimidade que olha as diferenças de talento dos indivíduos. Não, ele é para todos. A cada um, sem exceção, é acessível esta sublimidade infinita se se quiser odiar-se a si mesmo, sem reservas, aceitar todo destino e tudo sofrer, sem reservas. E cada um o pode, se quiser. Homem comum, homem do povo. Não separei minha vida da tua. Tu o sabes. Vivi na rua, sou conhecido de todos. (...) Não te escondo que a meus olhos o ser-cristão é de uma sublimidade tão infinita que, segundo a confirmação que dá a vida de Cristo, quando se observa seus contemporâneos e segundo as indicações de sua pregação, quando a gente a toma ao pé da letra, só alguns indivíduos chegaram a isso: entretanto, ela é acessível a todos. Mas há uma coisa da qual eu te conjuro diante de Deus, pelo amor do céu e por tudo o que é sagrado: foge dos pastores, foge destes repugnantes personagens cujo ganha-pão consiste em te impedir de prestar atenção ao verdadeiro cristianismo para fazer de ti, nos vapores do galimatias e da ilusão, o que entendem por um verdadeiro cristão, um membro pagante da Igreja de Estado ou Nacional. Foge deles, mas cuida de pagar-lhes de bom coração e sem atraso o dinheiro que lhes é destinado. Com aqueles a quem a gente

despreza não se deve ter nenhuma diferença de dinheiro, pois dir-se-ia talvez que se a gente foge deles é para não pagá-los. Não, paga-os duplamente, a fim de tornar manifesto teu desacordo com eles, a fim de que sua preocupação, o dinheiro, não seja a tua e, ao contrário, a fim de que o que não os preocupa, te preocupa a ti infinitamente – o cristianismo.

O verdadeiro amor cristão para Kierkegaard

Há um pano de fundo religioso no livro sobre As obras do amor (1847): a abnegação, renúncia aos próprios interesses, denúncia de tudo o que é egoístico. A paixão amorosa, por si só, não é descrita como amor, mas como amor de si mesmo, o mesmo valendo para a amizade aristotélica. A espera de retribuição, presente até no amor que se dedica aos bebês, é considerada uma atitude longe do ideal. O “ideal” não equivale a uma utopia, mas à obediência ao mandamento, ilustrado pelo Modelo: por aquele que não apenas anunciava, mas também cumpria o mandamento. Kierkegaard lembra: não basta dizer “Senhor, Senhor”! O que vale é o: “Vai e faze o mesmo conforme compreendeste”.

O autor dinamarquês contrapõe o mundo e a prática cristã. O tradutor alemão, Hayo Gerdes, explica: “O que o mundo chama de amor, em termos cristãos é amor a si próprio (Selbstliebe) e o que o cristianismo chama de amor o mundo tem de interpretar mal como amor de si”.²¹ Os traços essenciais do amor cristão não são inventados pela fantasia do autor, nem deduzidos de uma teoria sentimental, mas são lidos na figura de Jesus Cristo, que não ama só o amável, mas ama tudo o que Deus criou. Este amor não apenas reage às relações intramundanas, mas antes obedece a um sentido que de certo modo está fora do mundo²². Este amor independe das circunstâncias do mundo e das mudanças da pessoa amada, pois se funda num “dever” eterno. É incompreensível para o mundo, e ocasião de escândalo, é “prudente”. É risco que o crente assume.

²¹ Hayo GERDES, *Geschichtliche Einleitung zur 19. Abteilung der Gesammelte Werke, Der Liebe Tun*, Band I, p. X, GTS, 1983. No original: “Was die Welt Liebe nennt, ist christlich Selbstliebe, und was das Christentum Liebe nennt, muß die Welt als Selbstliebe mißverstehen.”

²² Como o queria Wittgenstein, leitor e canonizador de Kierkegaard.

²³ Podemos concordar com MacIntyre, quando fala da “dívida positiva” que Kierkegaard tem com Kant, mas é exagero escrever que “é de fato Kant que, em quase todas as áreas, define o cenário filosófico para Kierkegaard” (Depois da virtude, 85). O próprio MacIntyre lembra como Kant, bom iluminista, buscava um fundamento puramente racional para a moral, independente de toda a revelação. Argumentar a partir da premissa do manda-

Há muito de kantiano, mas não tudo, na compreensão kierkegaardiana do amor, deste amor que se mostra em obras e age por um dever.²³ Tal amor é uma questão de consciência (Gewissen), e se apresenta como incondicional, não se prende aos instintos ou às inclinações naturais. O poeta que canta o amor natural, o enamoramento, a paixão jamais eterna (infinita enquanto durar), situa-se numa dimensão imanente, mundana, para a qual o autor, tal como o príncipe Mischkin (o Idiota) ou como Aliócha Karamázov, não tem muita paciência. São todos uns “idiotas”! Mas se entende, pois o parâmetro é o do mandamento, e a medida específica do amor está no: ama o teu próximo – “como a ti mesmo”. De resto, o conceito de “próximo” é essencial, para esta perspectiva.

Que significa a “Boa Nova”? Encontrou-se a verdadeira vida, a vida eterna – não é prometida, está aqui, está em vós: como vida no amor, no amor sem retraimento e exclusão, sem distância. Cada um é filho de Deus (...) cada um é igual a todos...²⁴ (Citação de Nietzsche!)

Amar a si mesmo é coisa bem natural, e em muitos sentidos saudável: obedece, poder-se-ia dizer, à lei da natureza, sem precisar de um mandamento expresso que o ordene. Mas a religião do amor (que para Kierkegaard é a religião do Deus que é amor, e não é apenas, como para Nietzsche, fruto do medo da dor...)²⁵ chega e ordena: ama o teu próximo como amas a ti mesmo. O pequeno acréscimo, se obedecido, pode mudar o mundo. Kant, aliás, já no quarto exemplo de dedução de um dever, na Fundamentação, reconhecia ser possível subsistir um mundo em que as pessoas não contribuíssem para o bem estar dos demais ou para socorrer os outros na desgraça (como preconiza a parábola do Bom Samaritano); embora impossível transformar este egoísmo num dever²⁶.

mento cristão do amor ao próximo não parece tão kantiano assim. Seria bom trazer à baila o conceito de “ética segunda”, introduzido no Conceito Angústia como uma ética que não se baseia na metafísica ou no princípio de não contradição, mas sim “na Dogmática”, quer dizer, que parte da Revelação como um dado aceito anteriormente.

²⁴ AC, 2007, 36. – No original: “Was heißt ‘frohe Botschaft’? Das wahre Leben, das ewige Leben ist gefunden, — es wird nicht verheißen, es ist da, es ist in euch; als Leben in der Liebe, in der Liebe ohne Abzug und Ausschluß, ohne Distanz. Jeder ist das Kind Gottes (...) als Kind Gottes ist jeder mit jedem gleich...” (AC. § 29, KSA 6, S. 200.)

²⁵ AC, 2007, 37. – No original: “Die Furcht vor Schmerz (...) – sie kann gar nicht anders enden als in einer Religion der Liebe...” (AC. § 30, KSA 6, S. 201.)

²⁶ “Ora, supondo que tal maneira de pensar se transformava em lei universal da natureza, é verdade que o gênero humano poderia subsistir, e sem dúvida melhor ainda do que se cada qual se pusesse a falar de compaixão e benquerença e mesmo se esforçasse por praticar ocasionalmente estas virtudes, ao mesmo tempo que, sempre que pudesse, se desse ao engano, vendendo os direitos dos outros ou prejudicando-os de qualquer outro modo. Mas embora seja possível que uma lei universal da natureza possa subsistir segundo aquela máxima, não é contudo possível querer que um tal princípio valha por toda parte como lei natural.” (I. KANT, Fundamentação da Metafísica dos Costumes, São Paulo: Abril Cultural, 1974, 225.)

A Dissertação de 1841 mostrara que o amor elogiado por Sócrates/Diotima não passava de pura carência, vazia²⁷. Em 1847 amor é outra coisa: amar aqui se define como aproximar o outro do Amor, ajudá-lo a conhecer e a viver este amor divino. É a figura de um legítimo triângulo: Tu, o Outro e o Amor. O Outro não se reduz, entretanto, a um alter ego (segundo eu, continuação imediata de meu eu imediato), mas precisa ser de fato um primeiro tu. Não é, no sentido do Antigo Testamento, um membro do meu clã, mas alguém que é um Tu para o Deus que ama e que por isso chega a mim também como um Tu, e que só neste sentido mediato é igual a mim.²⁸ Não se trata de solipsismo, mas sim da categoria do “próximo”, específica da “cristicidade”. Amor ao próximo é diferente do desejar a próxima, que caracteriza o insaciável Don Giovanni, em seu amor de perdição, que, instantâneo e sem história, jamais se concentra e não escapa às forças do tempo. O amor ao próximo é um amor prático, não necessariamente “patológico” (Kant), pois não se baseia em sentimentos, instintos, preferências ou inclinações, mas no dever, no mandamento. Com esta posição teórica de um amor que é divino (e trinitário) é que Kierkegaard enfrenta revoluções liberais e comunismo. Aprendeu com o Apóstolo que este amor não passará, quando a fé e a esperança passarem. Algo semelhante ao que lemos no Anticristo.

Sobre o Evangelho e a questão do sofrimento

Não é preciso passar direto aos Discursos cristãos de 48 para compreender a posição de Kierkegaard: basta lembrar as primeiras páginas dos primeiríssimos discursos “cristãos” que são os sete intitulados: Evangelho

²⁷ Na dissertação sobre a ironia, Kierkegaard mostra que o Amor em Sócrates não passa de um conceito vazio, comparando-o indiretamente com a pura indeterminação do Ser do início da Lógica hegeliana (ou, para sermos bem exatos, compara com o Nada, pois o puro Nada apenas é): “Amor é portanto carência de, busca de algo que a gente não tem, e se então amor é amor da beleza, Eros carece conseqüentemente da beleza e não a possui. Portanto, se o bem é simultaneamente o belo, então Eros carece igualmente do bem. (...) Sócrates não afasta a casca para chegar ao cerne, mas sim esvazia o cerne. (...) O abstrato de Sócrates é uma designação completamente sem conteúdo. Ele parte do concreto e chega ao que há de mais abstrato, e lá onde a investigação deveria começar, ele termina. O resultado a que ele chega é propriamente a determinação indeterminada do puro amor: amor é, pois, o adendo, que é nostalgia, busca, não é nenhuma determinação, dado que isto é meramente uma relação com uma coisa que não é dada”. S. KIERKEGAARD, O Conceito de Ironia, constantemente referido a Sócrates. Tradução Álvaro L. M. Valls, Petrópolis, RJ: VOZES, 1991, 48-49. (Mais, a respeito, em meu ensaio “O amor socrático. Análise kierkegaardiana de sua teoria e de sua prática”, in: Entre Sócrates e Cristo, op. cit., 67-85, mas antes publicado in: Síntese Nova Fase, v. 20 n. 63 (1993), 605-616.)

²⁸ O dinamarquês permite um trocadilho: humanidade (Menneskelighed) e igualdade entre os homens (Menneske-Lighed).

dos sofrimentos. Discursos cristãos, aquela terceira parte do livro dos discursos de 1847, que Gouvêa, em *Paixão pelo paradoxo*, chama: “uma das peças mais paradoxais de Kierkegaard”²⁹, e que tomamos a liberdade de intitular a gaia ciência do pensador dinamarquês. No primeiro desses discursos (O que significa e o que traz de alegria a idéia de seguir a Cristo)³⁰, a primeira palavra do texto (após a oração e a citação de Lucas 14, 27) é *Veiledning*, “orientação para o caminho” (do caminho da vida). Caminhar não é teoria, é uma prática, como sabem os peregrinos. Só há um caminho verdadeiro para os “milhares e milhares” que carregam o nome de “cristãos”, ou “crentes”. Como os cristãos devem carregar cada um a sua cruz, “o caminho deles pelo mundo não é leve ou fácil como uma dança, mas pesado e cansativo, embora a fé seja ao mesmo tempo para eles a alegria que vence o mundo” e assim eles podem chamar-se “seguidores de Cristo”³¹. Trata-se mesmo de “seguir”, e não só de receber passivamente uma herança ou uma proteção.³² O exemplo ali oferecido, da galinha que de asas abertas protege seus pintinhos³³, é tão tradicionalmente bíblico quanto filosoficamente esclarecedor para mostrar que não basta sentir-se protegido, perdoado, escolhido, “predestinado”, amado como filho; nem, para citar Schleiermacher, “um sentimento de absoluta dependência”, pois ainda falta algo. A apropriação, que Lutero chama *Aneignung*, é uma atitude prática que consiste, para falarmos em latim, numa *imitatio* ou, em dinamarquês: *Efterfølgelse* (seguimento).³⁴

A quem vê Kierkegaard indeciso “entre Sócrates e Cristo”, surpreende o modo como ele evoca aqui o “nome de Jesus Cristo, que está acima de todo nome no céu e na terra”. O autor do *Evangelho dos sofrimentos* insiste em que alguém a rigor só segue o seu modelo quando este se ausenta, se

²⁹ GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo paradoxo*. São Paulo: Novo Século, 2000, 243.

³⁰ *Hvad der ligger i, og hvad Glædeligt der ligger i den Tanke at følge Christum efter, Samlede Værker*, Bind 11, *Opbyggelige Taler i forskjellig Aand*, Copenhagen: Gyldendal, 1963, 203-214.

³¹ “...deres Vej gennem Verden ikke er let som en Dands, men tung og møisom, skøndt dog Troen tillige er dem den Glæde, som overvinder Verden (...) ‘Christi Efterfølgere’”, op. cit., Bind 11, 204.

³² Embora se possa sempre perguntar se “levar a sua cruz, nesta paixão”, é atitude ativa ou passiva...

³³ “Quando a galinha vê chegar o inimigo e por isso abre suas asas para esconder sob elas seus pintinhos, que andam atrás dela, pode-se dizer que esses pintinhos seguem a galinha? Não, não se pode falar assim: a relação precisa ser alterada.” (Naar Hønen seer Fjenden komme og derfor udbreder sine Vinger for at skjule over Kyllingerne, der gaaer bag ved den: kan man da sige, at disse Kyllinger følge Hønen efter? Nei, saaledes kan man ikke tale: Forholdet maa forandres.) Id., 204.

³⁴ KIRMMSE: “Efterfølgelse, which can also be translated ‘imitation’ in the sense of Imitation of Christ.” Op. cit., 298. E Nietzsche ainda acrescentaria: “Nicht ein Glauben, sondern ein Tun, ein Vieles-nicht-tun vor allem, ein andres Sein...” Ou, dito em bom português: “Não um crer, mas um fazer, sobretudo um não-fazer-várias-coisas, um ser diferente”. (op. cit., 1200.) Até aqui Nietzsche e Kierkegaard parecem estar plenamente de acordo.

esconde, ou ascende para outro lugar e deixa sozinho o seguidor: “Cristo precisava ir embora, precisava morrer”, para que se pudesse mostrar “se o discípulo iria segui-lo”³⁵. Para segui-lo há que “andar por si só e andar desacompanhado”³⁶. Neste contexto acumulam-se as citações de Mateus 16, 24 (“Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”) e Filipenses 2, 6ss. (“Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz”). São palavras duras. Nem todas pertencem a Paulo, e sempre causarão certo desassossego entre os leitores de um Nietzsche que afirma a vida de modo talvez demasiado direto e unilateral, onde parece não caber um amor que se sacrifica para que os outros tenham mais vida. O Cristianismo de Kierkegaard não é um conjunto de proposições, de afirmações, com ou sem sentido, mas sim “comunicação de vida”: pois o mestre e salvador veio ao mundo para que tivéssemos vida em abundância.

A guisa de conclusão

Parece que conseguimos mostrar ao menos boa parte do que pretendíamos: 1) Que a crítica de Onfray à religião foi antecipada por Nietzsche; 2) Que este privilegia, como Kierkegaard, a prática do cristianismo, o “ser-cristão”; 3) Que convém, ao falar do cristianismo, distinguir entre cristandade e cristicidade; 4) Que Kierkegaard critica, numa retórica irônica e teatral, a cristandade de seu tempo, em nome de uma certa compreensão do cristianismo; 5) Que ele considera essencial ao cristianismo, no tocante ao amor e ao sofrimento, uma polêmica contra o mundo e a vida, sem atenuações indevidas.

Muito mais poderia ser dito, mas era isso o que queríamos demonstrar.

Referências Bibliográficas:

SØREN KIERKEGAARDS SKRIFTER, udgivet af S. K. Forskningscenteret, København, Gads Forlag, 1997ss.

³⁵ “at Christus maate gaaer bort, maatte døe... kunde vise sig, om Discipelen vilde følge ham efter.” Id., 205.

³⁶ “... at gaae ene og at gaae alene”. Idem, 205.

- KIERKEGAARD, S. Samlede Værker, Copenhagen: Gyldendal, 1962ss.
- S. KIERKEGAARD'S. Journals and Papers, edited and translated by Howard V. Hong and Edna H. Hong, Bloomington/London: Indiana University Press (1967), CD Version.
- NIETZSCHE, F. Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15 Bänden, Hrsg. von G. Colli und M. Montinari, München, DTV/de Gruyter, 1999.
- BOUSQUET, F. Le Christ de Kierkegaard. Paris: Desclée, 1999.
- BOUSQUET, F. Kierkegaard et la joie, in: IDEM, Le Bonheur, Paris: Beauchesne, 1996.
- GIACÓIA JÚNIOR, O. Labirintos da alma. Nietzsche e a auto-supressão da moral. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- HEIDEGGER, M. Holzwege. Frankfurt am Main: Klostermann, 1950.
- KIRMMSE, B. H. Kierkegaard in Golden Age Denmark. Bloomington & Indianapolis: Indiana U. P., 1990.
- VERGOTE, H.-B. Sens et Répétition. Essai sur l'ironie kierkegaardienne. Paris: Cerf/Orante, 1982.
- VERGOTE, H.-B. Kierkegaard — Philosophe de la Christianité, publ. par J. Message in KIERKEGAARDIANA, n. 19 (1998).

ENDEREÇO DO AUTOR:
UNISINOS
Departamento de Filosofia
Caixa Postal 275
93001-970 – São Leopoldo – RS
alvals@unisinós.br